IDOLO

AMAZONICO

ACHADO NO RIO AMAZONAS

por

J. Barboza Rodrigues

EM COMISSAO SCIENTIFICA PELO GOVERNO FEDERAL

Foi publicada esta noticia sob a epigraphe "Archeologia" no JORNAL DO COMMERCIO/ de 19 de Agosto de 1875

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE BROWN & EVARISTO
12 Rua do Senado 12

1875

IDOLO AMAZONICO

--.--

Nas minhas excrusões pelo rio Amazonas, procurando sempre que os meus trabalhos botânicos davam-me tempo, fazer alguns estudos archeoologicos, tive ocasião de fazer uma acquisição importante para a ar - cheologia brazileira; pelo que apresso-me no meu rude dizer, em annun cia-la, fazendo algumas considerações que resultam do estudo que fiz sobre esta peça artistica e monumental.

Todos os historiadores e naturalistas, desde a maior antiguidade, que têm escripto sobre o Brazil, são unanimes em dizer que os nossos indigenas não têm religião.

Pigafetta, companheiro de Magalhães, na sua Viagem a roda do mundo, diz que os indios do Brazil não têm nenhum culto; Lery affirma que / os Tupinambás não tinham nenhuma religião,

e assim todos se exprimem, servindo-me da phrase de Simão de Vasconcellos:

"Os indios do Brazil, de tempos immemoriaes, a esta parte, não // adoram expressamente Deus algum, nem têm templo, nem sacerdote, nem / sacrificio, nem fé, nem lei alguma "(+).

Entretanto outros, como o padre jesuita João Daniel, que missionou no Amazonas, por espaço de dezenove annos, diz no seu Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas (++), escripto pelo anno de 1797, que / "os indios tambem idolatravam em idolos e costumes de seus avoengos," entrando em provas, conclue que "deste facto se confirmou que o genti lismo da America era idolatra como o do mais mundo, e que só se diferençava dos idolatras das outras partes em que os infieis das mais nações, por mais cultos e polidos, eram mais regulados e apurados no culto, adoração, templos e sacrificios aos seus falsos deuses; e que os Tapuyas, como mais selvagens e brutos, os adoravam e idolatravam

===============

(+) Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil, pelo padre Simão de Vasconcellos, da companhia de Jesus, Lisboa, 1668, pag.291.
(%%) Revista do Instituto Historico, tom. 2, n. 8, 1858, pag. 484.

nelles mais brutalmente, e como as poucas ou nenhumas cerimonias que permitte a sua innata rusticidade e barbaridade."

Admittem, tambem outros, que entre algumas tribus existe uma idéa de immortalidade d'alma

(Fôlha 5)

e da existência de espiritos protectores, que se tornam bons ou máos, o que é exacto. O uso do enterro dos mortos com as suas armas, as provisões de boca, etc., o provam.

Os escriptores que leram o Diario do padre Christovão de Acuña ou Cunha, baseado nelle asseveravam que entre algumas tribus antigas do Amazonas havia o uso de idolos, sem comtudo até o presente ter sido / encontrado algum, por onde se pudesse conhecer a verdade dessas asserções, as formas que tinham os mesmos e aquilatar o gráo de adiantamento em que estavan essas tribus então.

Tive a ventura de ser eu o primeiro a encontra-lo, pelo que dei logo á S. Ex. o Sr. Ministro da Agricultura uma tosca noticia.

A theogonia hoje, como então dos nossos indios, cifra-se em reconhecer um poder invisivel e crador do universo, mas ao qual não rendem nenhum culto, e na crença de espiritos que tomam formas corporaes para praticar o bem ou o mal. O curupira, espirito das florestas; o / yurupary, o espirito do mal; a anhanga, o espirito dos mortos, e da / caça; o maty-taperé, espirito persiguidor o yuru-tahy, espirito da // noite, a oyoára, nympha dos igarapés, a boya açu , a mãi d'agua, bicho do fundo (+), e tantos outros nos provam esta asserção com as suas innumeras

==============

(+) Vide o meu Relatorio sobre o Rio Tapajós.

(Fôlha 6)

lendas. Temidos por todos não recebem comtudo culto algum.

Esta crença estende-se mais longe, vai a crar por todo o ser, quer animal, quer vegetal um espirito que vulgarmente é chamado Cy, mãi. A esta creação algumas tribus, ainda hoje, não rendem culto, mas em certa epoca do anno o demonstram com festas acompanhadas de libações / que fazem.

Em algumas tribus assisti a ellas. Entre os Mauhes ha a festa da Vê-periá ou da tocandyra (+); os Pariquis tem o seu Bodú; os Mundurucus festejam a mãi dos animaes, etc,etc.

=============

(+) Tucan, passaro do genero ramphastus e yra mel, isto é, a que fabrica o mel do tucano.
Cumpre-me aqui, tratando da tocandyra, corrigir um erro que corre já

impresso.

Dizem que os indios Mauhés usam para prova de coragem e constancia do individuo que deseja casar-se, de duas bolsas que enchem de formigas venenosas, que servem de luvas ao pretendente, cujos braços meio abertos e encolvidos por ellas são incontinenti investidos.

Que o coitado deve dançar e cantar assim durante uma quarto de hora, na presença de sua querida, tirando depois o sogro a luva, declarando-o seu filho, etc.

Exporei o que ha de exacto nisto, descrevendo a largos traços o Vé-periá ou festa da tocandyra.

Esta formiga é considerada como uma divindade, pelo que nenhum Mauhé é digno da tribu sem passar pelas provas de sua ferroada, que é o que só legalisa a sua emancipação, provada pela bravura de supportar as dôres que ellas produzem.

A tribu dos Mauhés, como a de todos os gentios e indios do Amazonas, está dividida em malocas, ou aldêas, distantes uma das outras, / tendo entrada nellas só os homens casados ou os anciões. O vé-periá os reune annualmente e nessa ocasião é que seecontram os mancebos e as raparigas, pelo que nessa occasião effectua-se diversas uniões, depois da dança. Dos doze para treze annos começam a passar pelas provas e geralmente só depois da ultima prova, é que celebram-se as uniões, porque então têm elles attingido 19 ou 20 annos.

Sete são as provas porque passam, tendo para esse fim tres luvas / differentes: a sáry, a sáry-pym, e a yaperê-pê.

Para as tres primeiras provas serve a sáry, que só cobre a mão? para as tres outras a sára-pym, que envolve o braço e ante-braço, e para a ultima a yaperê-pê, que cobre o braço e a mão. A primeira é / feita de um tecido de palha simples, ou coberto de pennas do peito do gavião real, rematadas por um pennacho de pennas da cauda da arara e gavião real, feito com mais ou menos ornato, segundo o capricho do artista; a segunda é um cylindro de um tecido de grêlos de tucumá-açu / (Astrocaryum principis. Barb. Rod.), rematado por um feixe de fios de palha da mesma palmeira; e a terceira é um cylindro de tecidos de uarumá (Marantha) com uma extremidade fechada por um sacco de uma estopa vegetal.

Dentro das duas primeiras luvas mettem um segundo tecido de palha, onde prende pela união do abdomen ao thorax, as formifas, ficando pela parte interna o abdomen onde está o ferrão. As formigas, depois de presas em um canudo de taquaruçú, são mettidas n'uma vazilha d'agua, onde, quando semi-asphyxiadas são presas a luva. Quando têm de servir, expostas ao ar e defumadas com a fumaça do grande cigarro de tauary, despertam-se e tornam-se furiosas, vendo-se presas. N'este estado é que os indios introduzem a mão e dançam, sem dar mostras de soffrer, até que o tucháua ou alguma donzella do martyr se compadeça. /
Consiste a festa, na dança dos martyres, um de cada vez, no centro da

roda que formam os homens de pé e as mulheres sentadas. O Cotecá dá o signal da festa, assim como do final. Ao som d'elle o tucháua enfia a luva na mão ou no braço do paciente, e quando o mesmo tira ou / alguma donzella a tira o mesmo sôa, fazendo seguir a multidão para a porta de outra cabana. O Cotecá é um instrumento composto de uma // vara de massaranduba, terminada n'um pennacho de pennas, onde enfiam uma castanha, que subindo ou descendo pela vara produz um som forte. É nesta occasião que celebram as uniões, a donzella que tira a luva / torna-se logo esposa, e a consummação immediata do matrimonio é o /// prompto remedio para as dôres do esposo. A multidão segue e o par / feliz fica. Póde a donzella, em qualquer das sete provas, tirar a / luva, porém, o que então se torna marido tem de completar as provas / que lhe faltarem para a sua emancipação. Soffre as tres primeiras / na mão, as outras tres no braço e a ultima, com as formigas então sem ter passado pela agua, na mão e no braço. Esta dança é sempre acompanhada de libações de caciry. Quando os mancebos não se animam a / metter a mão na luva do martyrio, os anciões os incitam mettendo el - les a mão. É uma prova para emancipação e não para casamento.

O padre João Daniel, que foi missionario no rio Xingú, não conhecendo a tribu dos mauhés, fiado em informações, dá os usos e costumes destes indios aos da tribu Arapium, que já não existia selvagem no // tempo em que escreveu o seu Thesouro. A origem de que a prova da te candyra é matrimonial, nasceu talvez do seu escripto.

(Termina aqui a nota de roda-pé)

Esta crença, porém, não os leva a fazerem idolos, como outr'ora, que, havia uma espécie de anthropolatria.

(Fôlha 7)

Baseados nesta crença, que por tradição chegou até hoje, os indios dosseculo XV e XVI, a exemplo, é fóra de duvida, de povos mais adiantados em civilisação, fabricavam de pedra idolos de que se serviam em certas occasiões. Como o dos antigos Egypcios, tinham elles não só formas humanas como a de certos animais. Convém aqui transcrever a passagem do padre Cunha que vem no seu Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas, escripto em 1639 e publicado em Madrid em 1641.

"Adoram idolos, que fabrican con sus manos, attribuyendo a unos el poder sobre las uaguas, y asi les ponen por divisa un pescado en la mano; a otros escogen por duenos de las sementeras; y a otros por va ledores en sus batallas.

(Até aqui a página 7)

"Dizen que estos Diozes baixaron del cielo, para acompanarlos,y hacer-les bien; no uzan de alguna cerimonia para adorarlos, mas an - tes los tienen olvidados en un rincon para hasta el tiempo que les /

han menester; y assi quando han de ir a la guerra, llevan en la proa de las canoas, el idolo en quien tienen puestas las esperanças de la victoria; y quando <u>salen a hazer sus pesquerias, echan mano de aquel aquen tienen entregado el dominio de las aguas</u>; pero ni en unos, ni en otros fian tanto, que no reconozcan puede aver otro mayor."

Expressa-se assim o companheiro do capitão Pedro Teixeira, sem nen hum descrever, apezar de te-los visto, como se deprehende de outros / trechos do citado <u>Diario</u>. Depois da passagem da expedição de Pedro Teixeira, foi se perdendo este uso com o derramamento da luz do Evangelho

Página 9

gelho, não só pelos jesuitas hespanhóes (1657), como pelos carmelitas portuguezes (1695), porque os missionarios queimavam e atiravam ao rio os idolos, que eram uns de madeira outros de pedra, como diz o mesmo padre João Daniel: "desejando afundar com ellas (pedras) por uma vez a sua cegueira e cega idolatria."

Com effeito, de então para cá, nunca mais foi visto um só idolo, nem encontrado soterrado, o que prova que eram não só excessivamente então raros, como desappareceram destruidos pelos missionarios.

Existe, comtudo, no Musêo do Louvre, em Paris, em uma das salas do pavimento terreo com o n. 670 e a nota <u>Statue de Singe, hauteur 1 mètre 35 centimètres</u>, uma figura que o Conde Castelnau quando em 1846 / passou por Manáos, encontrou servindo de peial á casa em que hoje é o palacio da presidencia, e tomando-a por um idolo levou-a comsigo. Paulo Marcoy, em sua <u>Viagem através as duas Americas</u>, tem-o tambem por / idolo e diz que foi encontrado pelos carmelitas nas nascentes do rio Uaupés, e por elles transportado para a sua missão de Nossa Senhora de Caldas do Rio Negro. Extincta a missão ficou o idolo nella donde / foi depois tirado por um collector de drogas e levado para Manáos.

Tem as formas de um homem-macaco, com as palpebras abertas, os braços cruzados sobre o peito, assentado e com o desenvolvimento do

Página 10

symbolo que os sacerdotes egypcios paseiavam commemorando a mutilação feita por Typhon no deus Osiris, seu irmão. Esta figura não passa de uma curiosidade que fez por desenfado o pedreiro Antonio Jacintho de Almeida, encarregado da collocação dos marcos da commissão de limites de 1874, quando de volta do Japurá estacionou em Ega, hoje Teffé. Em 1794 Joaquim Anvers da Costa Côrte Real, o mesmo que em 1802 fundou o lugar depois Missão de Canumã, no rio do mesmo nome, levou-o para a antiga Barra, hoje Manáos, e colloceu-o na porta da casa de sua irmã, n'uma rua hoje denominada Brazileira.

O tenentecoronel Antonio Ladislau Monteiro Baena foi o primeiro / que noticiou o engano de Castelnau (+) em um paragrapho de uma memo-

moria dirigida ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, dando lugar a que o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, hoje Barão de Santo Angelo, escrevesse uma bem feita satyra, em forma de comedia, que teve por titulo Estatua Amazonica (++).

==========

(+) Revista do Instituto Historico, tom. 3, n. 9, pags. 96 e 97. Resposta ao Illmo. e Exmo. Sr. Herculano Ferreira Penna, sobre a communicação mercantil entre a provincia do Pará e a de Goyaz.
(++) Estatua Amazonica, comedia archeologica, por M.A.Porto-Alegre, / escripta em 1848 e publicada em avulso pelo Guanabara em 1851.

==========

Depois deste achado, nenhum mais foi feito, segundo me consta.

Página 11

É preciso não confundir-se os verdadeiros idolos com algumas figuras de barro cozido que se encontram, que não passam de ornamentos de igaçáuas ou brinquedos de crianças, como ainda hoje os indios fazem, passando para os que ignoram, por idolos.

Entre as tribus que o padre Cunha vio com idolos, devia figurar tambem a das Amazonas, se então existisse no mesmo lugar onde foi encontrada por F. Orellana, porque julgo que a essa tribu pertenceu o idolo de cujo assumpto se trata.

Antes de descrevel-o darei as razões porque penso ser da tribu mal denominada das Amazonas, fazendo o seu historico. Como vê-se pelo / meu Relatorio sobre o rio Yanundá (sic), foi o muirakitan que levou-me a descobrir o lugar da séde das Amazonas; pois bem, o idolo de que vou tratar é contemporaneo delle, tem uma duração de mais de tres seculos.

Tendo chegado a meu conhecimento que ha mais de cincoenta annos, / quando se cavou o solo no lugar acima, para se plantar o cacoal que / hoje existe, se tinham encontrado entre fragmentos de louça de barro, alguns muirakitans e figuras de pedras, envidei todos os meus esforços em vêr se encontrava alguma. Por felicidade soube na cidade de Obidos que o finado vigario o padre protonatario apostolico Antonio Sanches de Britto, teve uma figura que lhe servia de ornato de mesa, mas que desaparecêra.

Página 12

Dirigi então minhas pesquizas para essa figura, e pude saber que / existia enterrada no quintal da casa onde o mesmo vigario morou e o / actual mora. Enccaregado um famulo da casa de o procurar, trouxe-me a agradavel nova de que o encontrara, mas que não me trazia por temer cahir no desagrado do vigario. Encarregado então ao meu amigo o Dr. Casimiro Godinho Borges de Assis de o obter do mesmo vigario, este // trouxe o preciso achado, que das mesas, passou para as mãos das crian

ças e destas para a terra. Era conhecido entre as crianças de então por diabo.

Qual não foi o meu contentamento reconhecendo nelle um idolo, e / tendo depois informações da sua procedencia!

Procurando diversas pessoas contemporaneas do finado padre Sanches de Brito, todas affirmaram-me ser da costa do Parú, apenas uma me disse que pensava ter sido encontrado no lago Uaicurapá. Recorri á fonte mais pura: dirigi-me ao Paraná-mery de cima, á casa de uma irmã do referido vigário, que com o mesmo morou sempre morou e della e de um velho famulo soube ter sido encontrado na costa do Parú, por um individuo que o offerecêra ao vigario. Estava para mim feita a luz, faltava-me, porém, certificar-me se não seria um idolo peruano, para ahi trazido. Pelas razões que apresentarei depois de descrevêl-o, veremos que não tem por patria a dos Incas.

Página 13

O conjuncto do idolo é uma allegoria, baseada em costume e animaes e na crença da mãi dos mesmos.

Compõe-se de duas figuras, um carniceiro procurando devorar um // chelonio. Tem de altura 0,^{m}185, de largura 0,^{m}9 e de comprimento / 0,^{m}15, comprehendidas ambas as figuras.

Assentada sobre uma tartaruga (podocnemis), uma onça (felix) com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que suspenso pela / lingua passa por cima da cabeça da tartaruga e pela parte posterior / do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

A tartaruga, que pela forma do casco se aproxima mais de um jaboty (testuto), tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pelas fórmas e posição affasta-se inteiramente das de todos os chelonios. Procurando achar analogia entre esta e a de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crêr que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista que além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pescoço da mesma tartaruga com uma coleira, enfeitada de uma grega. A fórma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

Este tem latteralmente saliencias que in-

Página 14

dicam beiços levantados pela pressão interna de dentes, e pela parte superior uma linha elevada, que passando pelo meio do maxillar superior vai terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela língua da onça. Os olhos af-

fectam a fórma de um semicirculo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fórmas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fórma semiglobulosa // dos carniceiros do genero felix, tem comtudo as maxillas longas e tão abertas que entre ellas forma-se um angulo recto. Se affasta-se no comprimento a maxilla, a fórma, porém, dos dentes caninos e mollares caracterisam o carniceiro.

Tão exacto foi o artista ahi que até deixou na maxilla superior o lugar vasio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, / comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fórma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fórma do pescoço se approximam dos do terrivel habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidades angulosamente trabalhadas aproxima-se da dos quadrumanos, tendo porém as mãos às dos carniceiros, / com as suas cinco garras. O aspecto geral é o de uma onça, yauarité dos indigenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe, mostra ter sido levantada,

A pezar da incorrecção do desenho, e da

fantasia do artista, vê-se que era habil e observador da natureza. O costume que têm os carniceiros do genero felix, de virem annualmente, no mez de Setembro, época que estão ao cio, ás praias devorarem as tartarugas, levou o artista a escolhê-lo para o symbolo do deus de suas pescarias, procurando a mãi da onça, como mais poderosa, para subjugar a das tartarugas, que da pesca são as mais productivas, por lhes fornecer não só a carne, / como os ovos, a gordura e o casco, que então até para ferramenta servia.

Que era um idolo das pescarias, não só denotam as fórmas, como confirmam dous furos feitos na parte posterior obliquamente a sahir na / inferior, para por elles passarem-se cordas afim de ser ligado á prôa da montaria, (canôa). Têm estes furos de diametro 0,015. O que admira é a perfeição que existe em todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina.

Este idolo, no seu genero o primeiro achado em plagas brazileiras, pelo seu estylo pareceu-me a principio poder ser peruano e transportado para o Amazonas, porém, o mesmo e a historia encarregaram-se de tirar-me esta presumpção.

Que não foi esculpido por aquella geração andina, que esculpio tantos outros encontrados na terra de Manco Capac, o costume que elle representa o prova. Aquelles que esculpiram os idolos que se tem encontrado no Perú, não po-

dêam fazer este; porque na montãna (sic) não se encontrando as charapas (+) nem as charapillas (++) não podiam saber que as onças devoram as tartarugas.

No Perú só se encontram estes chelonios nos rios que cortam os departamentos do Amazonas e de Loreto, que são o Maranhão, o Huallaga, o Ucayaly e o Javary. A historia, pelo padre Cunha, ainda nos certifica, porque foi só depois de passar estas regiões, que elle vio povos com idolos para pesca, caça e guerra, o que não estranharia se já conhecesse este uso.

Comparando e estudando o que ha escripto sobre idolos do Perú, nada encontrei que com o de que trato se aproxime. Castelnau nas suas Antiguidades do Perú nada apresenta que se lhe assemelhe . É tão antigo que nem Alexandre Rodrigues Ferreira, que explorou o Amazonas em 1787, dá noticia destes idolos.

Representa, pois, o idolo de que trato e que a figura melhor dá a idéa, um idolo daquelles vistos pelo padre Cunha, e que preso á prôa das canôas protegia a pesca e nos mostra o grão de adiantamento em que estavam os indios então na arte de esculpir, que hoje decahio. A comparação deste idolo com os muirakitans, ainda mais me certificou ser elle contemporaneo das mulhe-

(+) Yurará, (Podocnemis expansa) do Amazonas, tartaruga.
(++) Tracayá (Emis tracajá).

res guerreiras, porque o estylo é o mesmo, assim como o desenho. (+)

Comparando a grega ornamental do enfeite, que passa sobre a cabeça da tartaruga, com as da louça de barro que encontrei soterrada, encontrei uma igual, como se póde vêr na estampa que acompanha o meu relatorio e que tem o n. 20.

A decadencia da arte entre os naturaes do Amazonas foi grande, mas ainda a crença nos animaes e plantas protectoras não se extinguio. // Ainda ha quem leve algum pé de tayá,(++) na prôa de sua montaria, para ser feliz na pesca, como vi.

Este achado importante para a historia e para a archeologia, vem / nos mostrar que muito ainda o genio trabalhador do brazileiro philosopho tem de fazer para illustrar a patria querida.

J. Barboza Rodrigues,
em Commissão scientifica
Rio, 16 de Agosto de 1875.

Vide nota no verso

(%) Vide o meu _Relatorio do rio Jamundá,_ que já foi publicado em in-
glez.

(++) Planta da familia das _Aroideas_ do gen. _Calladium._

Ídolo Amazônico – B. Rodrigues

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura